© REVISTA INTERNATIONAL DE EDUCAÇÃO, SAÚDE E AMBIENTE, 2024, vol.7, n. 1, pp. 20-39 ISSN 2184-4569

10.37334/riesa.v7i1.81

ANÁLISE DAS LENDAS DE LAMEGO E CELORICO DE BASTO

Analysis of the Folklore Legends from Lamego and Celorico de Basto

DUARTE, Pedro[1], & LOPES, Diogo[2]

Resumo

O presente artigo tem como objetivo a elaboração de análises relativas às lendas populares das regiões de Lamego e de Celorico de Basto. Apesar dos vários elementos fictícios acrescentados ao longo dos anos pelos contadores, um fundo verídico está implícito, que reflete a realidade histórica. Serão alvo de análise três lendas da região de Lamego e uma de Celorico de Basto, esta última recolhida pelos autores. A busca do contexto cultural é fundamental para a compreensão destas histórias e a sua análise. Fazendo uso de duas variantes de uma lenda da região de Lamego, através de comparações e contrastes, a investigação da veracidade dos elementos transmitidos pelas gerações torna-se mais simples. As restantes serão alvo das mesmas análises, tendo como base de comparação o período histórico, sem a necessidade de outras versões das lendas.

Abstract

This article has as its goal the analysis of folklore legends from the regions of Lamego and Celorico de Basto. Considering the numerous fictional elements added by the tale tellers across several years, there still resides a truthful background, which reflects the historical accuracy. Three legends will be analyzed, two from the region of Lamego and one from Celorico de Basto, the latter recollected by the authors. The search for the cultural context is fundamental in the comprehension of these stories and their analysis. By using two variants of one legend from same region, making use of comparisons and contradictions, the research of the reality of the elements transmitted through generations becomes simpler. The remaining legends will be subjected to the same analysis, instead using the historical context as a basis for comparison, as opposed to other variants of the legends.

Palavras-chave: *Lenda Etiológica; Lenda Histórica; Lenda de Lamego; Lenda de Celorico de Basto; Tradição Oral.*

Key-words: *Etiological Legend; Historical Legend; Legend from Lamego; Legend from Celorico de Basto; Oral Tradition;*

Data de submissão: janeiro de 2024 | **Data de publicação**: março de 2024.

[1] PEDRO DUARTE - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, PORTUGAL. Email: pedromsduarte872@gmail.com

[2] DIOGO LOPES - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, PORTUGAL. Email: lopesdiogo94@gmail.com

INTRODUÇÃO

A literatura de tradição oral (ou de transmissão oral) pode ser definida como histórias transmitidas, em momentos de lazer, no qual uma figura parental (normalmente um idoso) senta-se, rodeado de crianças, e partilha as histórias que lhe foram transmitidas pelos seus ancestrais. Estas eram usadas como forma de transmissão de valores para a crianças, aprovando, ou censurando, certos comportamentos de personagens. Nesta vertente existem vários géneros diferentes, mas muito semelhantes, sendo algumas os contos, as lendas, as fábulas, entre outros.

Lenda é definida como uma narrativa espalhada, normalmente, pelas populações, através da via oral. Estas podem representar um feito heroico, sagrado, ou histórico, utilizando a imaginação popular para enriquecer os seus conteúdos. Este género de história de tradição oral esteve no ponto mais fértil de criação na Idade Média, mais especificamente, entre os séculos XII e XIV. Existem várias tipologias de lenda, sendo as mais importantes: as hagiográficas, referentes a histórias alusivas aos Santos; as de entidade míticas, mostrando ou explicando, por exemplo, as assombrações de locais; as históricas, ligadas, como o nome explica, a eventos históricos de uma região; de mouras e mouros (umas de mouras encantadas), algumas com o tema da conversão ao cristianismo; as etiológicas, que retratam a origem de um local; e as de povoações desaparecidas.

A análise de uma lenda consiste na busca da veracidade dos eventos narrados. Assim, usa um número de critérios na sua análise, verificando o fundo autêntico, a probabilidade de existência, a localização e a época. Tudo isto aponta para a autenticabilidade da narração. Adicionalmente, existe a procura de traços do maravilhoso, ambos o Cristão e o Popular.

Este trabalho tem em foco, numa primeira parte, a análise de duas lendas da região de Lamego, fazendo uma análise comparativa entre a "Lenda da Princesa Ardínia" e uma variante sua, a "Lenda da Princesa Ardinga", e a análise da "Lenda de Lamego", recolhida por Teófilo Braga, na sua obra *Contos Tradicionaes do Povo Portuguez*. Numa segunda parte, será explorada a região de Celorico de Basto, sendo analisada uma versão da lenda de S. Miguel de Gémeos, a versão original, e apontada a diferença mais popular entre os habitantes.

Lendas da Região de Lamego

Análise de "A Lenda da Princesa Ardínia"

Esta versão (Cf. Anexo 1), adotada como a favorita entre a população do concelho de Lamego, pode ser designada como uma lenda etiológica, histórica e de mouros. Pode ser vista como histórica graças ao seu contexto, isto é, a ocupação moura da cidade de Lamego, exposta nas primeiras duas linhas da lenda: "[a] princesa Ardínia viveu no século X, no castelo de Lamego, quando esta terra se encontrava sob domínio árabe" (Cf. Anexo 1). Considera-se, também, uma lenda etiológica, fazendo referências a vários locais de duas regiões do país, os concelhos de Lamego e de Tabuaço, ambos integrantes do distrito de Viseu. São palcos de alguma ação: o Castelo de Lamego, situado na cidade com o mesmo nome; o mosteiro de S. Pedro das Águias, localizado na margem do rio Távora, na região de Tabuaço, tal como o rio Tedo, que garante parte do valor etiológico, visto que o rio patilha o nome do cavaleiro que caiu aí, em sua memória. Também é considerada uma lenda de mouros pela presença de personagens de origem muçulmana, como a princesa Ardínia e o seu pai, o rei mouro Alboacem, não nomeado nesta variante (Ferreira, 2004).

A lenda da Princesa Ardínia é muito completa quanto à estrutura interna, ou seja, é divisível em três partes lógicas, estas sendo a introdução, o desenvolvimento e a conclusão.

A introdução, numa primeira parte, localiza-nos no tempo, o século X, e no espaço, o castelo de Lamego, ocupado por mouros. Numa segunda parte, são introduzidas as personagens, sendo estas o rei mouro, a princesa moura Ardínia e o cavaleiro cristão Tedom, os últimos dois apaixonando-se e decidindo-se casar, sem o consentimento do pai desta.

O desenvolvimento refere a fuga da princesa com o cavaleiro para o mosteiro de S. Pedro da Águias, buscando refúgio, eventualmente ocorrendo o casamento. Também inclui a perseguição da filha por parte do rei, resultando na morte da princesa no rio Távora. E conta a morte de Tedom, após conhecimento da morte da sua amada, numa batalha contra os muçulmanos, na margem do rio Tedo. É terminada com a explicação da origem do nome de um dos rios, que ficou com o nome do cavaleiro que aí caiu.

A conclusão faz uma referência às ocasionais águas vermelhas destes dois rios, explicando que ainda são banhadas pelo sangue dos dois amados. Faz, também, uma alusão à crença popular da alma da princesa sobrevoar o castelo nas noites de nevoeiro.

Relativamente às características desta narrativa, podemos analisá-la através de quatro critérios: fundo autêntico, probabilidade, localização e época. A partir destes é possível retirar a autenticabilidade da lenda.

Sobre o fundo autêntico, podemos usar como exemplo locais verdadeiros que ofereçam algum valor histórico, como o castelo de Lamego ou o mosteiro de S. Pedro das Águias. Estes garantem a veracidade dos dois palcos principais da ação. Todos os apontamentos históricos sobre a origem do castelo da Cidade de Lamego apontam que este seja construído por mouros, do qual apenas resta a torre de menagem e parte da velha muralha (Câmara Municipal de Lamego, s.d.). Relativamente ao convento (ou mosteiro) de S. Pedro das Águias, existem algumas evidências das origens da igreja. Supostamente, foi erguida em 991, por D. Tedom e D. Rausendo, seu irmão, com a ajuda de alguns eremitas em fuga aos mouros, mas disto nenhuma conclusão verídica concreta pode ser retirada (Portugal, 1992: Carvalho, 1997; Antunes, 2006).

Relativamente à probabilidade, podemos explicá-la usando as personagens da lenda, representado as figuras históricas. Para começar, a ocupação moura da cidade, mais especificamente, do castelo, mostra a veracidade da religião da população, tal como o conflito da época. A cidade era regida pelo Vali (título de rei muçulmano), Alboacem, e a sua filha, Ardínia. Também a presença de Tedom remete para a província de Leão, sendo este cavaleiro o bisneto do rei Ramiro II de Leão, e a suposta origem da Granja do Tedo (Associação de Turismo de Aldeia, s.d.).

A lenda tem dois palcos principais da ação, dando assim a localização: o castelo de Lamego e o mosteiro de S. Pedro das Águias, localizados, respetivamente, nos concelhos de Lamego e Tabuaço. Ainda são importantes para a história os rios Távora e Tedo, tendo sido explicada a nomeação do último, em memória do cavaleiro aí caído.

A história, relativamente à época, passa-se na Idade Média, mais especificamente no século X, "[e]ra o período da reconquista da Península Ibérica aos árabes" (Cf. Anexo 1). Especula-se que se passe no fim do século, graças à referência do mosteiro de S. Pedro das Águias, supostamente erguido no ano de 991, apesar de outras variantes, tal como a cultura popular, apontar para a sua construção após a morte de Ardínia.

Ainda se pode incluir o maravilhoso popular, com a alusão à alma da princesa, que, quando o castelo se encontra envolvido por nevoeiro, essa entidade sobrevoa-o. Assim, com estes quatro pontos provados, garante-se a autenticabilidade da lenda. A simbologia da lenda é variada, com referências gerais ao casamento, morte e perigo, temas mais presentes no texto. Estão presentes a Princesa, o Cavaleiro, a Laranja, a Lua, o Rio e a Água, a cor Vermelha, o Sangue e a Morte.

Sobre a princesa, pouco a simbologia tem pontos comuns com a lenda. Nesta, Ardínia representa "a Princesa distante faz sonhar os jovens" (Chevalier & Gheerbrant, 2015, 744), ou seja, a busca por parte dos cavaleiros (ou outras figuras equivalentes) para conquistar, normalmente, o seu amor. A referência à popularidade da princesa, "[a] beleza da princesa era falada por todos os lados" (Cf. Anexo 1), consequentemente, provocando a curiosidade em D. Tedom, "[u]m dia o cavaleiro cristão, dom Tedom, veio disfarçado a Lamego, tendo-se logo apaixonado" (Cf. Anexo 1).

O cavaleiro tem uma faceta dupla, sendo a sua ideia representativa de "um tipo superior de humanidade" (Chevalier & Gheerbran, 2015, 201), como ilustrado na lenda, alguém que tratava bem Ardínia. Por outro lado, a parte negativa da sua realidade também é importante ser exposta: "Violentos, brutais, sensuais, grosseiros e impacientes, os cavaleiros não eram modelos de irrepreensibilidade." (Chevalier & Gheerbrant, 2015, 201). Isto poderá estar comprovado nos comportamentos de guerra de Tedon, mas nada que esteja diretamente explicito na lenda.

O laranjal, em si mesmo, não tem significado, mas os seus constituintes, as laranjas, têm. A laranja representa a fertilidade e a união sentimental. Esta simbologia está presente em algumas culturas, como "Na China antiga, […] a oferenda de laranjas às moças significava um pedido de casamento." (Chevalier e Gheerbrant, 2015, 536). Os encontros frequentes de Ardínia e Tedom no laranjal do palácio resultaram nas suas decisões do casamento.

A lua é, pelo sentido positivo, o "símbolo da transformação e de crescimento" (Chevalier & Gheerbrant, 2015, 561). Além de se encontrarem no laranjal, também se encontravam ao luar. Assim, vê-se a atitude da princesa a evoluir, a querer fugir e converter-se a outra religião para estar junto do seu amado. Porém, também é considerada um símbolo cíclico: "passagem da vida para a morte e da morte para a vida" (Chevalier e Gheerbrant, 2015, 561). Assim, é possível uma leitura da morte prevista da princesa, tal como o reaparecimento da sua alma a sobrevoar o castelo.

O rio, juntamente com a água, é representativo da morte, da renovação e da mudança constante. O casamento no convento, localizado à beira do rio Távora, representa a mudança de vida de ambos. A conversão de Ardínia ao Cristianismo exibe a renovação. A morte está ilustrada pela imersão do corpo de Ardínia no mesmo rio, e a queda de Tedom no rio Tedo, enquanto lutava os mouros (Chevalier & Gheerbrant, 2015).

A cor vermelha e o sangue aparecem juntas, e funcionam em união na análise. Normalmente, o vermelho tem um lado positivo e um negativo, "perpetuamente é o lugar da batalha – ou da dialética – entre céu e inferno." (Chevalier & Gheerbrant, 2015, 945). O sangue também sofre desta face dupla: "escondido, ele é a condição de vida. Espalhado, significa a morte." (Chevalier & Gheerbrant, 2015, 994). Porém, aqui apenas é de interesse o sangue derramado.

A morte é o símbolo mais simples de interpretar, sendo esta "o fim absoluto de qualquer coisa de positivo" (Chevalier & Gheerbrant, 2015, 621), neste caso o ciclo sendo a vida, que chegou ao fim.

Figura 1: Azulejo Retratando Ardínia e a irmã



Fonte: Disponível em www.cm-tabuaco.pt

Análise da "Lenda da Princesa Ardinga"

Esta variante da lenda (Cf. Anexo 2), considerada a versão original e a mais historicamente correta, é, também, uma lenda histórica, de mouros e etológica. Historicamente, mantém o seu conteúdo: região ocupada por mouros (explicando, assim a faceta moura da tipologia), em guerra com os cristãos na época da Reconquista, tal como as personagens: Ardinga; o seu pai, o Vali (Alboacem); D. Tedon; e o monge Gelésio. Etiologicamente, esta faz referências aos palcos da ação, por exemplo, Lamego e Paredes da Beira.

Relativamente à estrutura interna, esta é muito completa, sendo dividida em três partes lógicas: introdução, desenvolvimento e conclusão. Na introdução são-nos mostradas as personagens centrais da ação, a princesa moura Ardinga e ao cavaleiro cristão Tedon. Do mesmo modo, é contextualizada a lenda quanto à época, nos finais do século X, e à localização, em Lamego e Paredes da Beira. O desenvolvimento retrata a fuga da princesa do castelo, após se ter apaixonado pelo cavaleiro, graças aos seus feitos heroicos e a sua fama, parando no atual concelho de Tabuaço, mais especificamente, no eremitério do monge Gelésio, ou seja, no mosteiro de São Pedro das Águias. Aí esperou que D. Tedon regressasse da guerra, convertendo-se ao cristianismo nesse espaço de tempo. A conclusão relata o encontro do rei com a filha, onde a princesa perdeu a vida, sendo o corpo largado no rio. Após isto Tedon ouviu a história de Ardinga e esta ficou para sempre na sua memória.

É importante realçar a "Lenda dos Távoras", especifica da região de Tabuaço, na análise histórica desta variante. Enquanto ambos Ardinga (Ardínia) e Tedon (Tedom) morreram na variante anterior, nesta apenas Ardinga faleceu após a sua fuga. A lenda de Tabuaço tem como protagonistas os dois irmãos D. Tedo e D Rausendo, sendo Tedo a mesma personagem histórica presente na "Lenda da Princesa Ardínia" e na "Lenda da Princesa Ardinga". A ação passa-se no século XI, onde, no rio Távora, os dois irmãos conseguiram sair vitoriosos da batalha contra os mouros. Desta forma, como D. Tedo sobrevive nesta variante da história de amor, pode ser considerada a mais historicamente correta, partindo do facto que existe alguma veracidade nas lendas. (Porto Editora, s.d.). Quanto às características da lenda, esta pode ser analisada em quatro partes significativas: o fundo autêntico, a probabilidade, a localização e a época. Se um destes estiver presente, pode-se garantir a autenticabilidade.

A referência do castelo de Lamego e da luta nos termos de Paredes da Beira garante o fundo autêntico, apesar de não serem palcos da ação. O convento de São Pedro das Águias é onde se passa a maior parte da história, onde Ardinga esperou pela chegada de Tedon, sendo encontrada pelo pai antes, este tirando-lhe a vida.

A probabilidade está provada com a Reconquista Cristã, sendo que a Península Ibérica estava ocupada por mouros: "O rei cristão lionês ardorosamente lutava para reconquistar a terra." (Cf. Anexo 2).

As várias localizações onde se passa a história são: o concelho de Lamego, mais especificamente, a cidade com o mesmo nome; o concelho de Tabuaço, ou seja, o mosteiro onde Gelésio vivia, à beira do rio Távora; e São João da Pesqueira, com a referência às batalhas de D. Tedon em Paredes da Beira.

A época é bem explicita no texto, situando-se temporalmente "nos fins do Séc. X" (Cf. Anexo 2). Esta localização no tempo é muito provável porque, como já referenciado na análise anterior, o mosteiro apenas terá sido erguido em 991.

Assim, com estes quatro elementos, a autenticabilidade da lenda é fortemente provada.

Relativamente à simbologia, esta lenda tem uma lista mais reduzida, tendo apenas a Princesa, o Cavaleiro, a Água, o Rio e a Morte como símbolos.

A Princesa, à semelhança da outra variante analisada, representa "a Princesa distante faz sonhar os jovens" (Chevalier & Gheerbrant, 2015, 744). Porém, em vez de despertar a curiosidade de D. Tedon, este carrega em si a memória da princesa, talvez lutando em sua honra. Este ponto vai ao encontro do símbolo do Cavaleiro, que esta versão apenas realça o "tipo superior de humanidade." (Chevalier e Gheerbrant, 2015, 201).

O Rio e a Água agem em concordância, representado a renovação, a mudança e a morte. Nesta variante, a mudança de vida e a renovação são representadas pela conversão de Ardinga ao Cristianismo, o que a proximidade ao rio Távora garante à simbologia. A morte, mais uma vez, é ilustrada na imersão do corpo de Ardinga no rio. Novamente, esta é simplesmente analisada, representando o fim de um ciclo, neste caso, apenas a vida de Ardinga, sendo que Tedon sobrevive. (Chevalier & Gheerbrant, 2015).

Análise Comparativa e Contrastiva das Variantes

Estas duas variantes apresentam as suas diferenças evidentes, desde elementos externos mais óbvios, até ao nível histórico, com pequenas alterações para atrair mais leitores.

Relativamente à estrutura, mais especificamente, a nível interna, ambas são completas, sendo a "Lenda da Princesa Ardínia" mais longa e mais completa a nível de informação do que a sua variante, a "Lenda da Princesa Ardinga", que é mais curta e sucinta.

Antes de proceder à comparação do conteúdo da análise, é importante referir os aspetos essenciais de ambas as lendas: a tipologia. Ambas partilham os três tipos, sendo estes os históricos, de mouros e etiológicos.

Relativamente às personagens, os seus nomes são diferentes, talvez pela idade das variantes. Na primeira, as personagens principais são denominadas de Ardínia e Tedom, enquanto na segunda são Ardinga e Tedon. Na primeira, não existem mais personagens nomeadas, e na segunda o pai da princesa é denominado por Vali (título do rei mouro), e o monge Gelésio também é referenciado.

Relativamente à estrutura interna, ambas são completas. Têm introduções, desenvolvimentos e conclusões bem definidas.

A introdução da primeira lenda dá a conhecer as personagens e a localização, ambas temporária e geográfica. Ambas têm o conteúdo semelhante, com a primeira sendo mais detalhada quanto à informação que apresenta. A primeira foca-se mais na imagem da princesa, referindo a sua beleza que desperta a curiosidade de Tedom, acabando com a decisão do casamento, enquanto que, na segunda, são os feitos de Tedon que atraem a atenção de Ardinga, sem estes se terem conhecido.

No desenvolvimento as primeiras diferenças significativas aparecem. Na primeira variante, os dois, estando na cidade, decidem fugir e buscar refúgio no mosteiro de S. Pedro das Águias, onde se acabam por casar. Aí, Ardínia está em segurança, debaixo da vigilância de um monge, que a ajuda a converter ao Cristianismo, enquanto D. Tedom está ausente, lutando contra os mouros. O rei mouro parte em busca da sua filha, tirando-lhe a vida e deitando o corpo nas águas do rio Távora, e Tedom cai em combate, nas águas do rio Tedo, que ficou batizado com o seu nome. O desenvolvimento da segunda lenda é

mais reduzido, com a fuga da princesa, em busca do cavaleiro por quem se apaixonou, encontrando refúgio na capela de S. Pedro das Águias, onde, enquanto aguardava o regresso de Tedon, converteu-se ao Cristianismo.

A conclusão é diferente nas duas variantes, com uma a retratar os mitos que surgiram dessa lenda, e a outra concluindo a história. Na primeira, é dito que as águas do Távora e Tedo ficam, periodicamente, vermelhas, tingidas com o sangue derramado dos amantes. Também refere que, nas noites de nevoeiro que circulam o castelo de Lamego, pode ser avistada a alma da princesa a esvoaçar a área. A segunda variante retrata o encontro de Ardinga com o pai, onde esta perdeu a vida. Tedon apenas descobriu do amor da princesa mais tarde, mantendo-a sempre na memória.

As características das duas variantes são idênticas, com algumas partes mais detalhadas para ambos os lados. Serão comparados o fundo autêntico, a probabilidade, a localização e a época, tal como o maravilhoso.

Relativamente ao fundo autêntico, existe um ponto comum em ambas as lendas, com um convergente: na primeira, o castelo de Lamego e o mosteiro de S. Pedro das Águias. Na segunda, a cidade de Lamego é o palco, com o castelo sendo subentendido; a luta em Paredes da Beira também é importante referir, devido à época, onde o conflito entre cristãos e mouros era frequente.

Segundo a probabilidade, temos, na primeira lenda, o castelo de Lamego habitado por mouros e a referência à reconquista Cristã. A segunda, de forma semelhante, faz a referência à ocupação da cidade de Lamego por parte dos mouros, tal como a contextualização da reconquista Cristã.

Quanto à localização, a primeira é mais reduzida em espaços do que a segunda, passando-se na cidade de Lamego, no convento de S. Pedro das Águias, e nos rios Távora e Tedo. A segunda fala de Lamego, de Paredes da Beira, o mosteiro de S. Pedro das Águias, de Cabriz, e dos rios Távora e Tedo.

Quanto à época, ambas partilham a mesma data, com a segunda sendo mais especifica. A variante de Ardínia fala apenas no século X, enquanto a de Ardinga refere que se passa nos fins do século X.

Sobre o maravilhoso, há pouco para dizer. A primeira variante tem uma referência importante sobre o maravilhoso popular, falando da alma da princesa que rodeia o castelo nas noites de nevoeiro. Não apresenta nenhuma questão sobre o maravilhoso cristão. A segunda variante não tem vestígios de qualquer tipo de maravilhoso.

A autenticabilidade de ambas é comprovada através destes parâmetros, com a primeira incluindo o maravilhoso popular.

Sobre a simbologia, a primeira é mais completa, incluindo um total de nove símbolos, em oposição da segunda, tendo apenas cinco. A primeira inclui a simbologia da Princesa, do Cavaleiro, da Laranja, da Lua, do Rio e da Água, da cor Vermelha, do Sangue e da Morte. A segunda apenas apresenta o símbolo da Princesa, do Cavaleiro, da Água e do Rio, e da Morte.

Figura 2: Azulejo retratando D. Tedon



Fonte: Disponível em www.cm-tabuaco.pt

"Lenda de Lamego"

Esta lenda popular (Cf. Anexo 3), recolhida por Teófilo Braga, compilada na obra *Contos tradicionaes do povo portuguez: Contos de fadas, casos e facecias*¸ é uma história de tipo etiológico, pois esta faz referência à cidade de Lamego, tal como deu origem à famosa frase "Noites de Lamego".

Quanto à estrutura interna, esta é completa, tendo uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão. A nível de história, esta é bastante pobre, apenas servindo para referenciar a popularidade da área quanto aos laticínios.

A introdução retrata a chegada de um viajante à região de Lamego, em busca de um quarto para passar a noite, com um homem a ceder ao pedido.

O desenvolvimento dá informação essencial para o desfecho da história, esta sendo a existência de um armário com queijos. De manhã, o dono de casa esqueceu-se de abrir a porta ao viajante. Este, por sua vez, abriu o armário, pensando que era uma janela. Ao não ver luz, voltou-se a deitar.

A conclusão fala da manhã que o dono da casa abriu a porta do quarto, com o viajante surpreso pela duração, que ele pensava, das noites da região.

Quanto às características da lenda, pode ser analisada pelos quatro parâmetros essenciais: o fundo autêntico, a probabilidade, a localização e a época. Através da análise, é possível provar a autenticabilidade da história. Ainda é possível procurar marcas de presença do maravilhoso, quer cristão, quer popular.

Sobre o fundo autêntico, temos a região de Lamego. É indeterminado se a ação está focada na cidade ou numa das aldeias que compõem o resto do concelho, funcionando todas como palco, devido à idade que a lenda aparenta ter, sendo, pelo menos, mais de um século.

Relativamente ao fundo autêntico, temos a referência ao queijo e ao leite. Esta região, até Castro Daire, era uma das mais conhecidas área de pastagem de gado do Norte. Por causa disto, Lamego tornou-se uma das principais criadoras de queijo no país e, subsequentemente, a escala mundial.

Quanto à localização, apenas temos o palco da ação a região de Lamego.

A época é, no contexto da leitura, indeterminada. Mas, pode-se limitar uma época, apesar de apenas diminuir o espaço temporal onde esta pode ser localizada. Hoje em dia, existe uma empresa, Lacticínios do Paiva Lda., localizada no concelho, na vila de Cambres. Esta foi fundada no ano de 1933, depois da união das empresas Lacticínios de Lamego, Lda. e Lacticínios das Beiras, Lda. (localizada em Vouzela) (Uma longa história a fazer queijo, s.d.). Como existia antes desta empresa uma especifica da região, com data de origem desconhecida, pode-se supor que a lenda se situe temporalmente no tempo de existência desta empresa. Portanto, é possível que esta lenda tenha sido inventada proximamente da data de recolha, apesar de não haver certezas de tanto.

Assim a autenticabilidade é garantida, apesar da época ser indeterminada.

Relativamente à simbologia, esta não tem nenhum símbolo que contribua para o significado da história.

Lendas da Região de Celorico de Basto

"Lenda de S. Miguel de Gémeos"

A "Lenda de S. Miguel de Gémeos" (Cf. Apêndice 1) pode ser, quanto à sua tipologia, uma lenda etiológica. Isto, porque se refere à origem, neste caso, apenas nominal, de uma localidade já antes existente.

Relativamente à sua estrutura interna, é muito completa, tendo a introdução, o desenvolvimento e a conclusão bem definida.

A introdução retrata a localização de uma capela dedicada a S. Miguel, na freguesia de Gémeos, em Celorico de Basto. Também mostra o ponto central da história, o nascimento de dois irmãos, gémeos siameses, ligados pelo apenas pelo estômago.

O desenvolvimento retrata a vida do par, tal como estes conseguem viver e ajudar nas tarefas, representativas da época e da região, sendo este a agricultura, representada pelo "trabalho de campo" (Cf. Apêndice 1).

A conclusão retrata a morte dos irmãos, suposta aos trinta anos de idade, esperada devido à sua condição de nascença (Silva, 2007). Este evento afetou os pais, deixando, em memória dos filhos, todos os seus pertences à igreja, com o pedido de mudança do nome da capela de S. Miguel para S. Miguel dos Gémeos. A partir daí, a região passou a ser conhecida com Gémeos.

Em adição, existe a referência a uma variante, mais popular entre os membros da população. Esta versão mantém-se idêntica até à conclusão, onde, no momento da morte, apenas um dos gémeos faleceu. O irmão sobrevivente continuou a sua vida, ajudando com as tarefas diárias, carregando o corpo consigo, até chegar a sua hora.

Relativamente às características da lenda, esta pode ser analisada em quatro parâmetros: o fundo autêntico, a probabilidade, a localização e a época. Ao fim, se algum destes parâmetros for verificado, existe alguma autenticabilidade de verdade lendária.

Quanto ao fundo autêntico, tomamos em consideração a antiga Freguesia de Gémeos, agora, em junção com mais duas antigas freguesias, denominada de União das Freguesias de Britelo, Gémeos e Ourilhe, em Celorico de Basto, e, mais importante para a história, a capela de S. Miguel de Gémeos.

A probabilidade está presente no nascimento de gémeos siameses. Apesar de ser um caso extremamente raro, sempre foi biologicamente possível, com alguns relatos históricos provando a sua existência.

A localização é na freguesia de Gémeos, na região de Celorico de Basto.

Relativamente à época, esta é desconhecida, apesar de se apontar para a proximidade do ano mil (Silva, 2007).

Sobre o maravilhoso presente na narrativa, pouco se pode dizer. Existe uma potencial referência no maravilhoso popular. A existência de gémeos siameses é uma realidade, mas raramente estes conseguem sobreviver o suficiente, principalmente, o tempo que estes viveram. A imaginação que revolve este tipo de gémeos pode servir como uma referência para este maravilhoso.

Assim, com os quatro parâmetros comprovam a autenticabilidade da lenda, sendo fortemente assegurada.

A simbologia desta lenda é bastante reduzida, existindo apenas a Morte como potencial símbolo. Esta está ligada ao fim da vida, de um ciclo (Chevalier & Gheerbrant, 2015). Normalmente é ligada a aspetos negativos, como o azar que estes gémeos tiveram, a serem obrigados a partilhar um corpo.

CONCLUSÃO

Este trabalho permitiu o aprofundamento de conhecimento da história popular das terras de origem dos elementos do grupo. Foi um processo de pesquisa agradável, com uma nova perspetiva das várias diferenças das duas regiões (Lamego e Celorico de Basto).

A faceta monárquica e histórica de Lamego, com os conflitos religiosos da época da reconquista, contrasta com a face apresentada nesta análise da lenda da freguesia de S. Miguel de Gémeos, em Celorico de Basto, mais focada na sua população do que em histórias de reis e princesas.

A comparação entre as lendas da princesa Ardínia, referentes a Lamego, permitiu mostrar os pontos fulcrais da mesma história, sabendo-se o que pode ser considerado verídico ou ficção. No âmbito das variantes da mesma narrativa, segundo a pesquisa realizada, a menos estimada pelo povo aparenta aproximar-se mais da realidade histórica, havendo preferência assinalável pela variante da lenda que tem a intervenção do maravilhoso.

Resta afirmar que, no caso da literatura de transmissão oral, "quem conta um conto, acrescenta um ponto". O mesmo se passa no caso da lenda…

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Associação do Turismo de Aldeia. (s.d.). *Granja do Tedo*. https://www.aldeiasdeportugal.pt/aldeia/granja-do-tedo/

Câmara Municipal de Lamego. (s.d.). *Castelo de Lamego e Cisterna*. https://www.cm-lamego.pt/visitar-lamego/patrimonio/castelo-cisterna

Câmara Municipal de Tabuaço. (s.d.). https://www.cm-tabuaco.pt

Chevalier, J., & Gheerbrant, A. (2015). *Dicionário de símbolos* (27ª ed.). José Olympio.

Ferreira, M. P. (2004). *O Douro no Garb Al-Ândalus: A região de Lamego durante a presença árabe* [Tese de Mestrado, Universidade do Minho]. Universidade do Minho. http://hdl.handle.net/1822/3001

Junta de Freguesia da Sé. (s.d.). *Lenda da Princesa Ardinga*. https://www.freguesias.pt/portal/lendas_freguesia.php?cod=180521

Porto Editora. (s.d.). *Lenda dos Távoras*. https://www.infopedia.pt/$lenda-dos-tavoras

Portugal, M. (1992), Carvalho, J. (1997), & Antunes, R. (2006). *Mosteiro de São Pedro das Águias / Igreja de São Pedro das Águias*. http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3676

S.a. (s.d.). *Lenda da Princesa Ardínia*. https://www.outrostempos.com/lenda-da-princesa-ardinia

S.a. (s.d.). *Uma longa história a fazer queijo*. https://lacticiniosdopaiva.pt/sobre-nos/

Silva, O. (2007, 18 de fevereiro). *Gémeos*. http://www.celoricodigital.pt/2007/02/gmeos.html

Soares, M. L. (2013). *Considerações gerais sobre a literatura tradicional de transmissão oral: Uma proposta de análise à versão portuguesa de "A Gata Borralheira"* (2ª ed.). UTAD.

Teófilo, B. (1883). *Contos tradicionais do povo portuguez: Contos de fadas, casos e facecias* (2ª ed.). Livraria Universal.

Apêndice 1 - Fonte própria (recolha feita pelos autores a Júlio, 87 anos)

"Lenda de S. Miguel de Gémeos"

Há muitos anos, existia uma capela dedicada a S. Miguel Arcanjo. Junto dessa capela vivia um belo casal que teve o infortúnio de trazer ao mundo um par de gémeos ligados pelo estomago, com duas cabeças, quatro braços, e quatro pernas, mas apenas uma barriga.

Porém, esta infelicidade não afetou as crianças que, dentro dos seus limites, cresceram alegres e felizes, amados por todos e pelos seus pais. Com o passar do tempo, ambos os gémeos cresceram e até ajudaram no trabalho do campo, no melhor das suas habilidades e capacidades.

Mas, infelizmente, o esperado aconteceu. Ambos os gémeos faleceram, bem jovens, deixando ambos os seus pais desolados com a morte de seus amados filhos. Em honra dos gémeos, o casal deixou todo seu património à Capela de Miguel e fizeram apenas um pedido, que o nome da Capela fosse renomeada para Capela de São Miguel dos Gémeos, originando, assim, o nome da pequena Freguesia de Gémeos.

Uma variante desta lenda, contada pela população mais envelhecida, fala que, na hora da morte dos gémeos, apenas um deles morreu, enquanto que o outro sobreviveu. Agora, o irmão sobrevivente arrastaria o corpo do seu irmão por toda a terra até a chegar a hora de, agora o irmão sobrevivente, encontrar a morte. É desconhecida a origem certa desta variante, mas parece ser a versão mais contada, mesmo não sendo a original.

Anexo 1

"Lenda da Princesa Ardínia"

A princesa Ardínia viveu no século X, no castelo de Lamego, quando esta terra se encontrava sob domínio árabe. Era o período da reconquista da Península Ibérica aos árabes.

A beleza da princesa era falada por todos os lados. Um dia o cavaleiro cristão, dom Tedom, veio disfarçado a Lamego, tendo-se logo apaixonado. Depois de alguns encontros no laranjal do castelo, ao luar, resolveram casar-se.

Mas o rei mouro, pai da princesa, não consentia no casamento da sua filha muçulmana com um cristão.

Numa noite de vendaval a princesa fugiu com o seu amado para longe, escondendo-se no Convento de S. Pedro das Águias, onde casaram.

Mas a felicidade de Ardínia durou pouco. O pai, que saíra em sua perseguição, encontrou-a junto do rio Távora e, ao saber que se tinha casado e convertido à cristandade, matou-a com a sua espada deitando o corpo à água. O Dom Tedom quando soube da morte da sua amada, fez votos de nunca mais se casar e atirou-se ao combate dos muçulmanos, tendo sido morto, bem perto junto a um pequeno rio, que ficou com o seu nome, rio Tedo.

Diz o povo, que as águas dos rios Távora e Tedo, por vezes, aparecem vermelhas, porque o sangue dos amados Ardínia e Tedom ainda as tinge.

Também diz o povo que quando o castelo é envolvido pelo nevoeiro no Inverno, a alma da princesa esvoaça sobre ele.

Anexo 2

"Lenda da Princesa Ardinga"

Ardinga foi a mais bonita das princesas mouras. Filha do Vali, viveu em Lamego nos fins do Séc. X. O rei cristão lionês ardorosamente lutava para reconquistar a terra.

D.Tedon, o mais valente cavaleiro cristão batalhava longe, nos termos de Paredes da Beira, com sete castelos, nos termos de Cabriz, de Távora e do Tedo.

Ardinga ouviu contar a sua bravura. E o Amor despertou no seu peito adolescente.

Fugiu do castelo e atingiu o eremitério do momge Gelésio, à beira do Távora (S. Pedro das Águias).

Falava do seu amor ao santo monge. E enquanto o cavaleiro não vinha, a moura se tornou cristã.

O mouro seu pai procurou longe a filha. Não lhe perdoou a traição. E na água do rio se sumiu a vida da princesa infeliz.

O cavaleiro cristão demasiado tarde soube do amor da moura adolescente que para sempre guardou no coração.

Anexo 3

"Lenda de Lamego"

Vem de geito esta conhecida phrase Noites de Lamego, que se interpreta assim: Um viajante hospedou-se uma noite em Lamego. O dono da casa deu-lhe um quarto muito escuro, onde havia um armario com queijos, e pela manhã esqueceu-se de ir abrir a porta. O viajante acordou, e cuidando que o armario era uma janella, abriu-o e como não visse luz e elle lhe cheirasse ao queijo que lá estava, disse:

— É muito cedo, não se vê nada, e só ainda agora as mulheres vão a vender o leite pela rua.

E tornou-se a deitar, dormindo não sei se um dia se mais. Quando lhe abriram a porta, ficou tão admirado por as noites de Lamego serem tão compridas.